

OS PERCALÇOS DO AMOR

Geralda Eloisa Gonçalves Nogueira

Capitão Psicóloga da PMMG

Tomando como referência a Psicanálise, é possível ter noção do modo como o amor passa a fazer parte dos sentimentos humanos.

O amor é um sentimento que surge nas primeiras relações da criança com os pais, especialmente com a mãe. Decorre, inicialmente, de seu desamparo, de sua incapacidade de garantir a satisfação de suas necessidades. Na fase inicial de sua vida, a criança necessita de um Outro que tenha algo para lhe dar (alimento, cuidados, etc.), que garanta sua sobrevivência.

Essa relação inicial propicia o surgimento de uma outra variação da relação do sujeito-criança com o Outro, que é a dependência, onde o que está em causa é a importância que a criança tem para a mãe. Nesse momento, a relação que se estabelece é entre um (a mãe) que, ao dedicar seu amor à criança, indica que algo lhe falta, e um outro (a criança) que sustenta a crença, partilhada com a mãe, de que seria esse algo que a ela falta.

São essas, segundo Jacques-Alain Miller, as duas caras do amor: o desamparo e a dependência¹.

Durante o seu desenvolvimento, a criança acaba por constatar que, além dela, a mãe mantém outros interesses, dedica seu amor ao pai, aos outros filhos, tem seu trabalho, etc. A criança descobre, então, que não é tudo para a mãe, e surge a angústia diante da possibilidade da perda desse amor. Frente a essa constatação, duas perguntas se apresentam para a criança: esse Outro me quer? Pode me perder? Pode suportar minha falta?²

Essa angústia diante da ameaça da perda de amor conjugada à constatação de que não é tudo para a mãe e de que a mãe não é toda, além da introdução da figura paterna, impulsionam a criança a investir, ela também, seus interesses em outros objetos, em sair da relação dual, imaginária, com a mãe, na qual ambas viviam na crença de que constituíam uma só unidade: mãe-bebê.

Essa dinâmica afetiva primeira da criança irá marcar de forma definitiva a sua história. A busca de amor estará sempre marcada por essa tentativa de acreditar que é possível, pela via amorosa, ser aquilo que falta ao Outro e que esse Outro não irá suportar sua falta.

É dentro desse contexto que podemos situar o caso de **S**, uma policial-militar. Ela mantinha um namoro tumultuado com um policial-militar e eram de conhecimento de seus colegas de trabalho as agressões físicas e verbais. Durante uma festa, **S** resolve ir embora, o namorado discorda de sua decisão, discutem, agriem-se, e o namorado a deixa sozinha na festa. **S** retorna à sua casa e ingere comprimidos de medicação controlada. É socorrida, e ao ser perguntada da razão de seu ato responde que “quis chamar a atenção do namorado, pois sabia que seria hospitalizada e com isso retornariam às boas”.

A militar queria chamar a atenção do namorado com seu ato e buscou, em nome do amor, criar uma cena que pudesse produzir nele uma falta e, por conseguinte, ele a quisesse, muito provavelmente por acreditar que ela era o que faltava a ele.

¹ MILLER, Jacques-Alain. *Lógicas de la vida amorosa*. Buenos Aires: Manantial. 1991.

² Idem, *ibidem*.

Quando essa crença cai por terra, ele a abandona na festa, a militar se desorienta e tenta, através de uma atuação, um ato endereçado ao namorado, fazer com que ele, e não ela, sinta o insuportável de sua falta. Após o episódio, a militar é assistida e fica bem. Seu relacionamento, todavia, termina aí. O casal não reata a relação.

O caso apresentado torna evidente algo comum na prática clínica: há impasses, fracassos e desgastes nas relações amorosas: o casal, como tantos outros, vivia brigando, discutindo, desentendendo-se.

Ilustra também uma outra peculiaridade das relações amorosas, que é a tentativa, sempre presente nos matrimônios e relacionamentos em geral, de se forçar uma semelhança entre os cônjuges³. A militar queria ir embora e brigou porque o namorado não queria a mesma coisa. Isso é comum, os casais, de modo geral, têm dificuldade para aceitar as diferenças entre os parceiros, em conviver com a alteridade de seu par.

Essa tentativa de buscar uma identificação narcísica no amor é compatível com o que Freud coloca em seu texto *A Introdução ao Narcisismo*⁴.

Nesse texto, Freud distingue duas vertentes do amor: o amor narcisista, cuja origem é o amor a si mesmo e que supõe um outro semelhante, numa relação especular, e o amor anaclítico, que tem como fundamento a diferença, a dissimetria entre os parceiros e que supõe um outro do qual se depende⁵.

Assim, o amor tem duas outras facetas: a da igualdade e da diferença. A exigência de que os parceiros amorosos sejam semelhantes, seja no modo de pensar, agir, nos gostos, prazeres e aversões, aponta para um dos impasses comuns nas relações amorosas.

Não é, todavia, apenas no interior da relação amorosa que as dificuldades do encontro amoroso se fazem notar. Freud, em suas *Contribuições à Psicologia do Amor*, irá indicar que as dificuldades do encontro amoroso, se evidenciam, de início, na própria escolha do objeto de amor⁶.

Com o intuito de conhecer “a maneira como os neuróticos se comportam em relação ao amor”, Freud descreve, nesse texto, tipos especiais de escolha de objeto feitas pelos homens que dependem de uma série de condições a serem preenchidas pela pessoa, objeto de seu interesse e cuja combinação é até desconcertante, segundo aquele autor.

A primeira dessas precondições seria “a de que deva existir uma terceira pessoa prejudicada (...), que a pessoa em questão nunca escolhe uma mulher sem compromisso, como seu objeto amoroso”⁷.

A segunda precondição, talvez menos freqüente, mas que se apresenta conjugada à primeira, consiste “no sentido de que a mulher casta e de reputação irrepreensível nunca exerce atração que a possa levar à condição de objeto amoroso, mas apenas a mulher que é, de uma ou de outra forma, sexualmente de má reputação, cuja integridade ou infidelidade estão expostos a alguma dúvida”⁸.

³ Idem, *ibidem*.

⁴ FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. *Introdução ao narcisismo*.

⁵ MILLER, Jacques-Alain. *Lógicas de la vida amorosa*. Buenos Aires: Manantial. 1991.

⁶ FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1970. v XI. *Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens - (contribuições à psicologia do amor I)*.

⁷ Idem, *ibidem*.

⁸ Idem, *ibidem*.

Freud dirá que esses relacionamentos amorosos tendem a repetir-se com as mesmas peculiaridades, nesses indivíduos, formando-se “uma extensa série dos mesmos”⁹. Como disse Jacques-Alain Miller, em sua primeira conferência em abril de 1998, em Salvador/Bahia: “O amor por Maria, Ana, depois por Ester. As três apresentam o mesmo traço. Obedecem à mesma estrutura. Essas mulheres ocupam para o sujeito o mesmo lugar, com personagens diferentes, ou seja, um mesmo lugar pode ser ocupado por pessoas diferentes. A dúvida é sobre a condição do amor”¹⁰.

Num segundo momento de suas contribuições à psicologia do amor, Freud antecipará sua conclusão, situando-a já de início, no título do artigo, denominado “*Sobre a Tendência Universal à Depreciação na Esfera do Amor*”¹¹.

Nesse texto, Freud constata a existência de uma impotência psíquica, que afetaria tanto homens quanto mulheres, estas, sob a forma de frigidez. Freud descreve essa impotência masculina como uma perturbação singular que impede o homem de consumir o ato sexual e que surge apenas quando “a tentativa se realiza com determinadas pessoas”¹².

O estudo exaustivo de casos dessa natureza possibilitou a Freud concluir que “toda a esfera do amor, nessas pessoas, permanece dividida em duas direções (...) quando amam não desejam e, quando desejam, não podem amar”. Tal perturbação leva, muitas vezes, a um comportamento sexual em que o homem tem uma esposa a quem ama e deve respeitar e uma amante a quem pode desejar¹³.

A depreciação do objeto sexual é apontado por Freud como uma das medidas protetoras utilizada pelos homens contra essa perturbação: depreciando o objeto amado é possível desejá-lo. A tendência a escolher pessoas de reputação duvidosa ou mesmo de classe social mais baixa pode, nesse contexto, se relacionar a essa necessidade de um objeto sexual depreciado que, assim, pode ser amado¹⁴.

Pode-se, nesse momento, supor até que ponto a história de **T** não foi atravessada por essas condições de escolha do objeto amoroso, peculiares aos homens.

T, um policial militar, era noivo. Um dia, apresenta sua noiva a uma mulher casada, que se soube posteriormente, tinha má reputação. Alguns dias após esse encontro, os noivos são insistentemente convidados para uma festa pela mulher casada, convite que foi aceito. Em certo momento da reunião, a noiva encontra **T** beijando a dona da casa. Indignada, a noiva xinga os dois e sai. **T** a segue dizendo que “não era nada daquilo que ela estava pensando”. A noiva se nega a conversar com ele. Então, **T** dizendo: “Espera aí que eu vou dar um jeito nisso...”, pega um revólver e, mesmo com a noiva pedindo para não fazer nada, **T** dá um tiro em seu próprio peito. O policial militar foi socorrido pela noiva e sobreviveu ao seu ato.

Esse relato nos apresenta uma divisão do objeto amoroso: de um lado, a noiva, e, de outro, uma mulher que pertence a alguém, é casada, e que, além disso, tem uma reputação duvidosa, havendo relatos de infidelidade conjugal em sua história. Isso nos coloca bem próximos à constatação freudiana da tendência do homem em dividir seus objetos amorosos e nos apresenta peculiaridades das condições para a escolha do objeto, por parte do homem, conforme Freud havia constatado.

⁹ Idem, ibidem.

¹⁰ Anotações pessoais de Edméia Maria Nogueira da 1ª conferência de Jacques Alain-Miller intitulada “No meio do caminho tinha uma pedra”. VIII Encontro Nacional do Campo Freudiano. Salvador. 1998.

¹¹ FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1970. v XI. *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor* - (contribuições à psicologia do amor II).

¹² Idem, ibidem.

¹³ Idem, ibidem.

¹⁴ Idem, ibidem.

A posição do homem diante do amor leva à divergência entre amor e desejo para com os objetos¹⁵, divergência que não é vivida sem conflito. “Não é nada disso”, diz **T** à noiva e, podemos supor, que talvez quisesse dizer: “Olha, não é nada disso, com ela (a outra) não é amor, é só desejo. Com você, é diferente, é amor”.

Mas essa pretensão de **T** de ser entendido pela noiva encontra um obstáculo, que reside no fato de que homens e mulheres são diferentes, a sexualidade masculina e feminina designa dois mundos diferentes, opostos¹⁶. Os textos de Freud vêm indicar que homens e mulheres não amam da mesma forma. A vida erótica da mulher está constituída do lado do amor¹⁷. Para a mulher, nos diz Jacques-Alain Miller, a via predominante é a confluência entre amor e desejo, é um mesmo homem que ela ama e deseja. Assim, a noiva de **T** não pode entender a sua mensagem, o amor para ela é outra coisa¹⁸.

Sérgio Laia diz que “os encontros amorosos são acontecimentos em que, de um modo privilegiado, os seres falantes têm que se deparar com os enigmas da diferença sexual”¹⁹, pois, como dirá Freud, o par atividade-passividade é insuficiente para estabelecer a diferença entre o homem e a mulher²⁰. Assim, aqui também não há o encontro esperado.

Diante da dificuldade de se entender, de se posicionar frente à sua divisão em relação aos seus objetos de amor e de se situar frente aos mal-entendidos criados pelo ideal do amor, visto como completude e felicidade plena, presente no imaginário social, **T** diz: “Espera aí que eu vou dar um jeito nisso...” e tenta o suicídio.

Casos dessa natureza, tentativas de suicídio tendo como fator precipitante um desencontro amoroso, não são raros. Nas páginas policiais dos jornais e na literatura são comuns histórias com esse desfecho, a nos mostrar até que ponto algumas pessoas podem chegar ao se deparar com desencontros na esfera do amor.

O que se depreende dessas histórias, ou melhor, para além delas, é o que Freud nos apresenta: há desencontros no encontro amoroso.

Isso não impede, todavia, que os indivíduos, cada um a seu modo, se deixem guiar pela vertente imaginária do amor e tentem encontrar “o seu complemento”. Não impede também os efeitos, muitas vezes mortíferos, desses desencontros, a apontar a dificuldade desses sujeitos em se haver com essas características do amor.

Essas condutas drásticas assumidas por algumas pessoas talvez tenham também relação com o fato de que, no estado amoroso, o outro está constituído como lugar crítico do qual depende a auto-estima do sujeito. Assim, a perda desse outro ou a ameaça de perdê-lo pode, então, pôr em cheque o valor do sujeito para si mesmo.

¹⁵ MILLER, Jacques-Alain. *Lógicas de la vida amorosa*. Buenos Aires: Manantial. 1991.

¹⁶ CÁSSIA Rumenos Guardado. O acesso à feminilidade. Opção lacaniana - *Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*. Abr. 1996. n15.

¹⁷ Idem, *ibidem*.

¹⁸ MILLER, Jacques-Alain. *Lógicas de la vida amorosa*. Buenos Aires: Manantial. 1991.

¹⁹ LAIA, Sérgio. Sobre a contigência. Belo Horizonte: Curinga. n11. abr 1998. Escola brasileira de psicanálise- Minas Gerais.

²⁰ FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 19. v III. *Novas lições introdutórias*.

A crença de que é possível, através dos relacionamentos amorosos, o casal fazer UM, de que um preencha todas as faltas do outro, está, entretanto, fadada ao fracasso. A busca da cara metade, nos dirá Antônio Beneti, sempre aponta para o fato de que a cara metade é menos da metade²¹.

O que se busca com o amor? Só busca o amor quem não tem, quem está em falta de algo e acredita que esse algo vai ser encontrado num outro. Essa ilusão de completude, essa tentativa de fazer UM e completar sua falta, esse é o drama do amor²².

Os desencontros e desacertos são inerentes ao amor. Somente quando se pensa o amor em seu aspecto imaginário, é possível ter expectativa da felicidade completa, da inexistência de incompatibilidades, da possibilidade de encontrar o par ideal, aquele que “completa o outro”. A vida real é diferente, e a nossa constituição psíquica, que nos põe sempre em busca de algo que falta, posição fundamental para que possamos criar e transformar o mundo, a natureza e nós mesmos, também torna esses ideais, de certa forma, inalcançáveis.

É apoiado nesse engodo do amor ideal, em nome desse amor, que muitos indivíduos buscam saídas também enganosas como o suicídio. Enganosas porque não resolvem o problema e porque tentam disfarçar, esconder e desviar a questão do amor daquilo que lhe é fundamental, conforme nos diz Santo Agostinho em suas *Confissões*, sob a forma de uma pergunta: “Que amo eu quando vos amo?”²³. Ou seja, “O que eu busco no outro do amor? Há que se esperar algo desse outro que eu amo?”

Só T pode dizer o sentido da frase que antecedeu seu ato: “Espera aí que eu vou dar um jeito nisso...”, mas, talvez, uma das saídas para esses impasses que as coisas do amor, em seu aspecto imaginário, acabam por criar, seja pensar o amor sobre outra ótica, tal como a que nos apresenta Platão em seu texto *O banquete*: “Amar é dar o que não se tem”(apud J. Lacan)²⁴.

Nota da autora – Os casos apresentados sofreram modificações, visando a preservar a identidade das pessoas envolvidas.

²¹ Anotações pessoais de Geralda Eloisa Gonçalves Nogueira do Seminário “A direção da cura em Freud e Lacan”, ministrado por Antônio Beneti. Belo Horizonte. 1995-1996. Escola brasileira de psicanálise - Minas Gerais.

²² Idem, *ibidem*.

²³ FUNDAÇÃO SCARPA. Atualidade de Santo Agostinho. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba. 1955.

²⁴ LACAN. J. *O seminário*, livro 8: A transferência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1992.

REFERÊNCIAS

Anotações pessoais de Edméia Maria Nogueira da 1ª conferência de Jacques Alain-Miller intitulada “No meio do caminho tinha uma pedra”. VIII Encontro Nacional do Campo Freudiano. Salvador. 1998.

Anotações pessoais de Geralda Eloisa Gonçalves Nogueira do Seminário A direção da cura em Freud e Lacan, ministrado por Antônio Beneti. Belo Horizonte. 1995-1996. Escola brasileira de psicanálise- Minas Gerais.

CÁSSIA Rumenos Guardado. O acesso à feminilidade. Opção lacaniana - **Revista Brasileira Internacional de Psicanálise**. Abr. 1996. n 15.

FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. **Introdução ao narcisismo**.

_____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1970. v XI. **Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens** - (contribuições à psicologia do amor I).

_____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1970. v XI. **Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor** - (contribuições à psicologia do amor II).

_____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 19. v III. **Novas lições introdutórias**.

FUNDAÇÃO SCARPA. Atualidade de Santo Agostinho. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba. 1955.

LAIA, Sérgio. **Sobre a contigência**. Belo Horizonte: Curinga. n11. abr 1998. Escola brasileira de psicanálise- Minas Gerais.

LACAN, J. **O seminário**, livro 8: A transferência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1992.

MILLER, Jacques-Alain. **Lógicas de la vida amorosa**. Buenos Aires: Manantial. 1991.